

A ÁRVORE DA VIDA: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE IDENTIDADE E MEMÓRIA

The life tree: a contextualization about identity and memory

Lindinalva Barboza de Souza (Lindy Barboza)
Faculdade Campos Elíseos – FCE

Resumo: O presente artigo estabelece um diálogo entre as técnicas teatrais propostas por Viola Spolin e a elaboração de uma encenação na Educação de Jovens e Adultos. Os jogos teatrais vêm sendo amplamente aplicados por artistas educadores em seu trabalho de formação, difusão e fomento das artes cênicas. Este relato é a apresentação de uma experiência vivencial na aplicação da metodologia apresentada por Viola Spolin.

Palavras-chave: Teatro na educação; Jovens e adultos; Jogos teatrais; Pedagogia do Teatro.

Abstract: This article establishes a dialogue between the theatrical techniques proposed by Viola Spolin and the development of a staging in Youth and Adult Education. Theatrical games have been widely applied by artist educators in their work of formation, diffusion and promotion of the performing arts. This report is the presentation of an experiential experience in the application of the methodology presented by Viola Spolin.

Keywords: Theater in education; Youth and adults; Theatrical games; Theater pedagogy.

O Projeto “A Árvore da Vida: Uma Contextualização sobre Identidade e Memória” é fruto de um trabalho contínuo desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola da Prefeitura de Guarulhos Darcy Ribeiro, no município de Guarulhos, situado na Grande São Paulo. A EJA da Prefeitura de Guarulhos tem como proposta pedagógica uma educação humanista, onde o sujeito é protagonista das ações realizadas no ambiente educacional. São divididos em dois ciclos. O ciclo I, os alunos do 1º aos 5º anos do ensino fundamental I, e o ciclo II, compreendendo do 6º ao 9º Ano do ensino fundamental II. As salas são multisseriadas, ou seja, os alunos não são divididos por séries, mas sim por níveis de aprendizagem que correspondem aos objetivos curriculares, nas salas multisseriadas trabalha-se com grupos de alunos onde a máxima *quem sabe mais ensina a quem sabe menos* é parte do processo pedagógico. Há um fator inclusivo na multisseriação, tendo em vista que o público da EJA carrega consigo marcas sociais que se manifestam no seu atraso escolar, portanto, fazer parte de um grupo, sentir-se aceito e acolhido promovem a inclusão e diminuem a evasão escolar.

A aprendizagem curricular é composta por área do conhecimento e cada área trabalha com a proposta de oficinas de artes cênicas, música e artes visuais. Através das oficinas, busca-se um ensino prático, pois o período que o aluno frequenta a escola é curto em relação ao ensino regular, os alunos de EJA cumprem em 4 semestres cada Ciclo, e em 8 semestres o Ensino Fundamental completo.

Na EJA, encontramos alunos com diversos perfis culturais, sociais e necessidades especiais, deficientes visuais, cadeirantes, deficientes intelectuais. Muitas vezes, o aluno chega à escola com ideias preconcebidas sobre como se dá o processo de aprendizagem, valorizando apenas atividades concretas como o ler e o escrever em detrimento das áreas expressivas do currículo, jogos e brincadeiras são vistos como dispensáveis ou supérfluos. No decorrer do processo do jogo, o aluno passa a entender que a aprendizagem se faz de diversas formas e leituras, e que o sensorial, o corpóreo e o imagético também são leituras importantes no seu processo de aprendizagem e o professor de artes, seja de qual linguagem for, é um

mediador deste sujeito em contato com sua perspectiva de ensino, onde é essencial construir um vínculo de confiança e troca com o aluno.

Para tanto, ao iniciar o trabalho com esta modalidade de ensino, e com o desafio de como desenvolver a metodologia com os jogos teatrais e a construção de uma encenação, precisei, em um primeiro momento, adentrar o terreno, conhecer e entender esses alunos. Quem eram, de onde vinham, quais os seus sonhos, frustrações, do que tinham medo, o que os encorajava a viver, o que buscavam na escola, e qual o sentido da expressão em suas vidas, o que eles querem expressar e o que eles têm a dizer. Com o jogo *contação de histórias*, o aluno narra sua trajetória e se apresenta ao grupo, diante da sua apresentação é possível perceber qual a melhor maneira de trabalhar com eles, outro jogo lúdico que traz muita informação é o *jogo da entrevista*, onde divididos em duplas cada membro da dupla se reveza nos papéis de repórter e de entrevistado, após as entrevistas cada aluno apresentará ao grupo o colega que entrevistou e vice-versa, com este jogo identificamos o perfil dos alunos e do grupo. Assim, procurei construir um mapa, uma sondagem de território do perfil dos educandos, valendo-se da aplicação dos jogos teatrais de aquecimento, de transformação, de movimento rítmico, jogo do espelho, jogos sensoriais, de estímulo múltiplo, e contação de histórias mostraram uma resposta propulsora e positiva, que encadeou pequenas produções e vivências teatrais na escola, apresentadas em eventos realizados na própria unidade escolar, estimulando a comunidade no geral. “Trabalhe com o aluno onde ele está, não onde você pensa que ele deveria estar” (SPOLIN, 1978, p. 09).

Quem são os alunos da EJA?

A Escola da Prefeitura de Guarulhos Darcy Ribeiro localiza-se no bairro Jardim Santos Dumont, que fica no distrito de Bananal, periferia da Cidade de Guarulhos, estado de São Paulo, sendo uma periferia metropolitana, dispõe de poucos equipamentos públicos em comparação com as regiões centrais, e com carência na oferta de atividades de lazer e cultura. A região é próxima do Aeroporto

de Cumbica, formado em sua maior parte por residentes provindos do norte e nordeste do país: Bahia, Pernambuco, Ceará, Paraíba, Maranhão, Pará e Roraima, e alguns sulistas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, retirantes em busca de trabalho. Desde a sua construção até os dias de hoje, o Aeroporto de Cumbica é fonte de trabalho aos diversos moradores da região. Os alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), em sua grande maioria, são esses trabalhadores tanto do Aeroporto e de outras empresas locais, como senhoras e senhores que foram privados de estudar na infância, mulheres e adolescentes em situação de risco social que, por algum motivo, não concluíram seus estudos em tempo formal. O que leva esses alunos a não estarem dentro da formalidade do ensino é a matéria-prima para os temas das aulas e das encenações propostas, sempre se buscando a construção coletiva e a valorização das suas diversas culturas. Se o bairro não contempla nenhuma atividade de lazer aos seus moradores, portanto as escolas são responsáveis pelas ações sociais, culturais e esportivas, tanto para alunos como para a comunidade geral. O trabalho com teatro na EJA tem motivado os alunos da região a procurarem a escola com o intuito de participarem das encenações, festivais e mostras de arte realizadas pela prefeitura local. Conforme afirma Spolin: “todas as pessoas são capazes de atuar no palco, todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco” (SPOLIN, 1978, p. 03).

Um breve histórico do Teatro na Escola da Prefeitura de Guarulhos (EPG) Darcy Ribeiro

Um dos primeiros trabalhos a ganhar relevância na comunidade e no Departamento de Arte Educação da Secretaria de Educação de Guarulhos foi o espetáculo: *Narradores de Vida – Histórias, Causos e tantas outras. Vida Maria*, que foi desenvolvido após a exibição do Curta-Metragem *Vida Maria*, direção de Márcio Ramos, e através de *Improvisações* e de *Jogos*, tais como: *O Onde?; Quem?; E o que está fazendo?* Jogos da metodologia Spolin, que ampliam a

solução de problemas nas construções cênicas e montagens teatrais, como a própria autora define:

ONDE - Objetos físicos existentes dentro do ambiente de uma cena ou atividade; o ambiente imediato; o ambiente geral; o ambiente mais amplo (além de).

O QUÊ - Uma atividade mútua entre os atores, existindo dentro do Onde; uma razão para se estar em determinado lugar; O que você está fazendo aí.

QUEM - As pessoas dentro do Onde; “Quem é você?” “Qual é o seu relacionamento?”. (SPOLIN, 1978, p. 344, 346)

Os jogos e as improvisações foram o carro-chefe na construção das cenas, que se passam na região do nordeste brasileiro, onde a presença da seca é constante e as personagens da história emaranhadas em um contexto familiar que atravessa quatro gerações sem mudança; entender este processo e como o ambiente pode influenciar a vida das pessoas aconteceu fluidicamente com o processo dos jogos, estabelecendo as ações desenvolvidas no espetáculo, que foi finalista do PAEC XVI (Prêmio Arte na Escola Cidadã), no ano de 2014.

Este é um trabalho em constante desenvolvimento e pesquisa da expressão artística, uma ação que se transforma em tradição que está em constante construção na comunidade local, na modalidade EJA. Esta apresentação dialoga com as outras modalidades de ensino da escola, fruto de um trabalho semeado no ano de 2009, e que segue até hoje, mostrando que a pedagogia do teatro também é a expressão, a voz destes alunos que podem contar, recontar e fortalecer as suas histórias. No trabalho anterior, no ano de 2014, os alunos contaram suas histórias através dos jogos e cartas que utilizei como os protocolos das ações.

Identidade e Memória na EJA

O tema identidade e memória é um dos eixos do trabalho em artes, na rede municipal de Guarulhos, e está presente no QSN (Quadro de Saberes Necessários), que foi reelaborado na construção dos currículos, de acordo com as novas normas da BNCC, sendo lançado novo documento em dezembro de 2019.

Os projetos desenvolvidos estão dentro dos parâmetros do currículo da rede, e tenho realizado os projetos dentro do tema.

A partir da aplicação da metodologia de Viola Spolin como fio condutor do trabalho, dividi em quatro etapas o processo para a realização de um produto:

1. *Jogos de Socialização*, promovem acolhimento e socialização;
2. *Jogos de Expressão*, promovem a fruição do movimento e autoexpressão;
3. *Jogos de Improvisação*, promovem a criatividade e a motivação;
4. *Jogos para desenvolvimento coletivo*, fortalecem o sentimento de grupo;

Sempre em observância e valorização das três partes essenciais do jogo teatral, como descrito por Spolin, que são: *o foco, a instrução durante o jogo (side coaching) e a avaliação* (SPOLIN, 2008b, p. 32).

Entendendo que a metodologia aplicada para o desenvolvimento de uma pedagogia teatral, na modalidade de ensino que aqui abordo, mostra como o processo de construção do trabalho com jogos teatrais é instrumento valioso aos professores e a quem quiser se iniciar no sistema.

A intervenção educacional do coordenador de jogo é fundamental, ao desafiar o processo de aprendizagem de reconstrução de significados. A zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky) muda radicalmente o conceito de avaliação. As propostas de avaliação do coordenador de jogo deixam de ser retrospectivas (o que o aluno é capaz de realizar por si só) para se transformarem em prospectivas (o que o aluno poderá vir a ser). A Avaliação passa a ser propulsora do processo de aprendizagem. (KOUDELA, 2008, p. 24)

Iniciei o trabalho das oficinas de artes cênicas em sala de aula. Conto com uma sala ambientada por mim e que utilizo no período noturno para todas as turmas. Esta sala é devidamente arrumada para as atividades práticas, e possui uma lousa digital com recursos de som, e imagem, e quadro branco para uso de material escrito, posso dizer que tenho uma boa estrutura de trabalho. Cada turma

tem uma aula por semana de 1h30 de duração e, em média, tenho cinco turmas, sendo duas turmas a cada dia de oficina, este formato otimizou o encontro dos participantes em jogos e construção de recortes de cenas, para ensaios gerais o pátio da escola foi o ambiente propício para o desenvolvimento de cenas, marcando as medidas relacionadas aos espaços, aos quais iríamos nos apresentar, que, no caso, foi o Teatro do CEU (Centro Unificado de Educação) Ponte Alta, no Encontro das Artes, e o Teatro Adamastor Centro, na Mostra da Educação Municipal, todos espaços públicos da cidade local.

A partir do livro *A Árvore da Família*, de Maísa Zakzuk (2008), começamos o diálogo sobre o conhecimento das origens das famílias de cada participante, pois neste livro a autora propõe uma pesquisa dos nossos antepassados e o conhecimento da origem dos nomes e sobrenomes. Iniciou-se uma pesquisa que teve grande repercussão, a partir do uso de aplicativos de mensagem que possibilitaram aos alunos conversarem com familiares em outros estados. Os alunos coletaram informações como: “*Quem foi meu Avô?; Onde Nasceu?; O que eles faziam?; Como a família se encontrou?*”, a pesquisa transformada em jogo aplicado, e os jogos iam tecendo as cenas e a dramaturgia assim se desenvolvia, e os alunos, aos poucos, entendendo a teia criada.

O objetivo central foi dar continuidade ao trabalho sobre identidade, e a memória promovendo o conhecimento da sua própria história, de suas origens e ancestralidade. O foco foi trabalhar o tema da árvore genealógica, trazendo para si a importância da formação cidadã e seu espaço na vida cotidiana. Através do conhecimento da sua própria história e do entendimento de que os sujeitos de cada história somos nós mesmos, do resgate da infância e das brincadeiras que brincou, das cantigas que cantou ou somente ouviu, e dos trabalhos que realizou, afinal muitos alunos trabalharam na infância em roças e em outros trabalhos braçais, todo o material suscitado por este resgate teceu as cenas que transformaram o espetáculo em uma vivência lúdica para os que estavam nela e para os espectadores, fortalecendo a relação palco e plateia tão bem colocada por Viola Spolin:

Quando se compreende o papel da plateia, o ator adquire liberdade e relaxamento completo. O exibicionismo desaparece quando o aluno-ator começa a ver os membros da plateia, não como juizes ou censores ou mesmo amigos encantados, mas como um grupo com o qual ele está compartilhando uma experiência. Quando a plateia é entendida como sendo uma parte orgânica da experiência teatral, o aluno-ator ganha um sentido de responsabilidade para com ela e não tem nenhuma tensão nervosa. A quarta parede desaparece e o observador solitário torna-se parte do jogo, parte da experiência e é bem recebido! (SPOLIN, 1978, p. 11)

Os conteúdos trabalhados para esta construção foram:

1. O Conhecimento da Árvore Genealógica;
2. A Origem dos Nomes e Sobrenomes;
3. A Construção da Árvore Genealógica,
4. As Cantigas tradicionais e de Roda;
5. A Ciranda como tradição e Dança circular;
6. Construção da Árvore Genealógica Artística e pesquisa sobre os antepassados;
7. Apresentação da música EU, do grupo Palavra Cantada.

Realizei atividades plásticas para a construção da árvore artística, nesta, os alunos poderiam criar, à sua maneira, dentro das questões regionais, a sua árvore, utilizamos fotos, tecidos, recortes de revistas para compor a mesma, este material se tornou adereço cênico para as apresentações. Os alunos que tinham conhecimento de capoeira ministravam as oficinas para os interessados em participar da cena que compõe a ancestralidade brasileira, valorizando a raiz de negros africanos. Sempre que encontrávamos algum problema nas cenas desenvolvidas, retomávamos o jogo como forma de encontrar o caminho para o entendimento sobre ascendência e descendência como reais sujeitos de suas histórias e não apenas o fato deste sujeito ser construído e talhado pela sociedade que vive e sente-se massacrado e oprimido, mas sim como um participante e conhecedor de suas origens e o construtor de sua história.

E foi com a constância da vivência dos jogos teatrais que foi construído o trabalho. Outro fator relevante é a importância que os alunos sentem a respeito de si e do outro, quando processam a sua história e podem entrar em contato com experiências que nunca iriam expor em situações convencionais de sua vida, portanto a árvore genealógica foi instrumento de resgate e de vivências emocionais indescritíveis, perceptíveis ao olhar do espectador através das cenas trabalhadas, que seguiram uma sequência não linear, mas de acordo com as vivências e improvisações do grupo que contaram a história:

- Raiz ancestral Bisavós e Avós;
- Lembranças da infância, cantigas e brincadeiras;
- Ancestralidade brasileira, capoeira;
- Conhecendo a história de nossos pais;
- A grande ciranda da vida que forma a árvore da vida.

O olhar de espectador do processo vivenciado despertou na Prof. Rose Fernandes, da Oficina de Línguas e Cultura Inglesa, o desejo de contribuir e participar da montagem. Propôs uma interação de áreas que deu muito certo e motivou os alunos na disciplina e realizaram a mesma árvore genealógica em inglês, trabalhando assim o *My Family*, e envolveu-se nos jogos e no processo criativo tornando-se assim uma participante envolvida com os alunos, desta maneira se apresentando com eles e tornando-se, como se autointitulou uma aluna-atriz. A gestão e a coordenação pedagógica deram todo apoio com os materiais necessários, assistindo aos ensaios e estimulando os alunos na realização das cenas. E o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola estava totalmente alinhado com a proposta da construção de uma encenação através da Pedagogia teatral, que entenderam envolver pesquisa, processo e produto.

No geral, os alunos promoveram uma ação cultural na escola e em suas famílias. Para a realização da proposta, tiveram a necessidade de conversar com os familiares, com as pessoas próximas, buscando nomes e referências de lugares por onde moraram ou passaram. Os aplicativos e as redes sociais tiveram um papel

importante neste processo, pois muitos se utilizam das ferramentas para conversar com parentes de outras cidades e estados, portanto, foi notável o envolvimento desses sujeitos na interação e ajuda mútua com a informação. Pois como afirma Spolin (1978, p. 9): É importante que o professor se torne parceiro de jogo, não se preocupe em perder o controle. Permita que os jogos trabalhem por você. Quando os alunos descobrem que “fizeram por si mesmos”, o professor obteve sucesso.

O aprendizado da pesquisa e como realizá-la foram um excelente ganho, bem como o registro, que, num primeiro momento, foi a construção da árvore, e, no segundo, a realização da árvore artística, que ampliou os sentidos e as referências regionais de cada um. A interdisciplinaridade com a oficina de inglês fortaleceu o trabalho de grupo e promoveu ações diferenciadas para a professora, que se envolveu, descobriu os jogos e tornou-se uma jogadora, e todos jogaram juntos. O resultado foi a Cena!

Houve uma ampliação nas colocações coletivas e inclusão dos alunos mais afastados. Os que traziam baixa-estima mostraram uma melhora através do conhecimento de sua história, as oficinas compartilhadas, como capoeira e inglês, trouxeram socialização e interação. A observação do outro fez com que se voltassem também para si, uma relação de empatia se fez presente. Durante todo o processo, os alunos demonstraram felicidade na realização, e os ensaios aconteciam em um clima de muito respeito e dedicação. Ao final do trabalho, todos se sentiam felizes e realizados. Quase todos já queriam saber sobre o projeto do próximo ano e, em sua maioria, dizendo que fazer teatro é uma experiência gratificante. Outros, querendo dar continuidade, se inscreveram nos cursos de teatro da comunidade e muitos continuam até hoje sua experiência artística teatral. Eu avalio como uma abertura de percepção criativa que os jogos teatrais podem propiciar a quem os vivencia. No ano de 2015, o espetáculo *A Árvore da Vida* foi semifinalista no XVII PAEC – Prêmio Arte na Escola Cidadã.

Considerações finais

Eu aprendo, a cada ano que estou com estas turmas, que as artes cênicas e os jogos teatrais só têm a contribuir dentro dos espaços escolares e da comunidade no geral. Os jogos teatrais aplicados de maneira a sensibilizar, socializar e trazer a memória de brincadeiras de crianças, cantigas populares, festas e folguedos presentes na história de vida desses educandos se fazem presentes nas cenas apresentadas deste espetáculo, que foi uma grande experiência vivencial dos jogos, da pedagogia teatral e da vida. A carência de atividades, muitas vezes, dá abertura a outras atividades que são a opção de lazer e expressão do jovem e muitas vezes do adulto. Quando se tem a oportunidade de estar em um grupo que propõe algo de novo, e que possibilita o contato consigo mesmo e com sua família e entorno, começam a perceber e ver o mundo de outra forma, valorizando seu passado, entendendo seu presente e traçando melhor seu futuro. Percebo essas transformações a cada ano, e a cada trabalho que realizo, portanto, pretendo continuar fomentando esse trabalho, assim como pretendo de alguma forma falar das experiências na EJA para os pesquisadores e formadores nos diversos âmbitos. A Educação de jovens e adultos é por si mesma um quadro a parte da educação, carente de políticas públicas e de acesso a algumas questões do conhecimento. Então, que façamos arte, joguemos e muito, teatro sempre!

Recebido em 28/07/2019

Aceito em 11/05/2020

Referências

COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro & Pensamento** - As bases intelectuais do Teatro na Educação. SP: Ed. Perspectiva, 1980.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Texto e Jogo** - Uma didática Brechtiana. SP: FAPESP/Perspectiva, 1999.

_____. **Brecht: Um jogo de aprendizagem**. SP\EDUSP: Perspectiva, 1991.

_____. **Jogos Teatrais**. SP: Perspectiva, 1984.

_____. **Nós ainda brincamos como vocês brincavam &** - O processo de encenação. SP: Uniso, 2006.

_____. **A Escola Alegre.** In: SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais na Sala de Aula. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RAMALDES, Karine; CAMARGO, Robson Corrêa. **Os Jogos Teatrais de Viola Spolin. Uma pedagogia da experiência.** Goiânia: Kelps, 2017.

SPOLIN, Viola. **O jogo Teatral no livro do diretor.** Tradução: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. SP: Ed. Perspectiva, 2008a.

_____. **Improvisação para o Teatro.** Tradução: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. SP: Ed. Perspectiva, 1978.

_____. **Jogos Teatrais na sala de aula: Um manual para o professor.** Tradução: Ingrid Dormien Koudela. SP: Perspectiva, 2008b.

ZAKZUK, Maísa. **A Árvore da família.** SP: Panda books, 2008.